

F. Marion Crawford Na cabine do navio

I

ALGUÉM PERGUNTOU ONDE ESTAVAM OS CHARUTOS. Tínhamos falado por um bom tempo e a conversa começava a definhar; a fumaça de tabaco impregnara as cortinas pesadas, o vinho embebera os cérebros, que começavam a ficar pesados, e já estava perfeitamente evidente que, a menos que alguém fizesse algo para estimular nossos lerdos espíritos, aquela reunião logo chegaria a sua conclusão natural, e nós, os convidados, imediatamente iríamos para casa e com toda certeza dormiríamos. Ninguém dissera nada de muito notável; podia ser que ninguém tivesse nada de notável a dizer. Jones nos contara todos os detalhes de sua última caçada em Yorkshire. O sr. Tompkins, de Boston, explicara longamente os princípios de trabalho que, através de uma manutenção devida e cuidadosa, fizeram com que a Estrada de Ferro de Atchinson. Topeka e Santa Fé não apenas estendesse seu território, aumentasse sua influência departamental e transportasse gado sem deixá-lo morrer de fome antes do dia da entrega, como também conseguiram, durante anos, desapontar aqueles passageiros que compravam seus bilhetes na ilusão de que a mencionada empresa fosse de fato capaz de transportar vidas humanas sem as destruir. Signor Tombola tentara nos persuadir, com argumentos que não nos foi difícil refutar, de que a unidade de seu país de modo algum se assemelhava ao torpedo moderno, cuidadosamente planejado e construído com todas as técnicas dos maiores arsenais europeus, mas, quando concluído, fadado a ser entregue por mãos ineficazes numa região onde devia indubitavelmente explodir, sem ser visto, ouvido ou temido, dentro dos imensuráveis refugos do caos político.

É desnecessário entrar em maiores detalhes. A conversa assumira proporções que teriam entediado Prometeu acorrentado a sua rocha, distraído Tântalos e impelido Íxion a buscar relaxamento nos simples, porém instrutivos, diálogos de Herr Ollendorff, em vez de se submeter a um mal maior que era escutar nossa conversa. Fazia horas que estávamos sentados à mesa; estávamos entediados, estávamos cansados, e ninguém dava sinais de ir embora.

Alguém perguntou onde estavam os charutos. Instintivamente, todos olhamos para o dono daquela voz. Brisbane era um homem de 35 anos de idade, notável devido àqueles dons que atraem especialmente a atenção dos seus semelhantes. Era um homem forte. As proporções externas de sua figura não apresentavam nada de extraordinário à primeira vista, embora sua estatura fosse superior à média. Tinha um pouco mais de 1,80m e ombros razoavelmente largos; não parecia corpulento, mas, por outro lado, certamente não era magro. Sua cabeça pequena era sustentada por um pescoço vigoroso, rijo; suas mãos musculosas e enormes pareciam possuir a capacidade peculiar de quebrar nozes sem o auxílio de um quebra-nozes e, observando-o de perfil, era impossível não reparar na largura de seus braços e na incomum espessura de seu peito. Era um desses homens normalmente considerados como falazes nas conversas masculinas; isso quer dizer que, embora ele parecesse extremamente forte, na realidade era muito mais forte do que parecia. Sobre suas feições, pouco haveria a dizer: cabeça pequena, cabelos lisos, olhos azuis, nariz largo, bigode curto e queixo quadrado. Todo mundo conhece Brisbane, e quando ele pediu um charuto todos olharam para ele.

— É uma questão muito curiosa — disse Brisbane.

Houve um silêncio. A voz de Brisbane não era alta, mas possuía a

qualidade peculiar de penetrar no meio da conversa coletiva e cortá-la como uma faca. Todos escutaram. Brisbane, percebendo que havia atraído a atenção geral, acendeu seu charuto com imensa serenidade.

— Muito curiosa — prosseguiu — essa história de fantasmas. As pessoas estão sempre perguntando se alguém viu um fantasma. Eu vi.

— Bobagem! Quem? Você? Você não está falando sério, Brisbane. Um homem da sua inteligência!

Um coro de exclamações reagiu à afirmação inesperada de Brisbane. Todos pediram charuto, e Stubbs, o mordomo, apareceu de repente das profundezas de lugar nenhum com uma nova garrafa de champanhe. A situação estava salva; Brisbane ia contar uma história.

— Sou um velho homem do mar — disse Brisbane — e, como ainda atravesso o Atlântico com frequência, tenho minhas predileções. A maior parte dos homens tem a sua. Já vi um sujeito esperando num bar da Broadway durante 45 minutos por um determinado carro que ele preferia. Acredito que o dono do bar ganhou pelo menos um terço de sua renda por conta da predileção daquele homem. Eu tenho o hábito de esperar por certos navios, quando sou obrigado a atravessar o oceano. Pode tratar-se de um preconceito, porém nunca me enganei, senão uma única vez na minha vida. Lembro-me muito bem; foi numa manhã quente de junho, e as autoridades da alfândega, que estavam por ali aguardando um navio a vapor que se aproximava após seu período de quarentena, exibiam uma aparência particularmente confusa e preocupada. Eu não levava muita bagagem, nunca levo. Misturei-me à multidão de passageiros, carregadores e sujeitos intrometidos, vestidos com casacos azuis e botões de bronze, que pareciam brotar feito cogumelos do convés de um navio atracado, para importunar com seus préstimos

desnecessários os passageiros independentes. Tenho observado freqüentemente com certo interesse a manobra espontânea desses indivíduos.

Nunca estão lá quando chegamos; cinco minutos após o timoneiro gritar 'Vamos em frente!', eles, ou pelo menos seus casacos azuis de botões de bronze, desaparecem completamente do convés e do passadiço, como se tivessem sido fechados em seus armários, o que a tradição atribui a Davy Jones². Mas no momento da partida, lá estão eles, perfeitamente barbeados,

com seus casacos azuis, ávidos por uma gratificação. Subi a bordo rapidamente. O Kamtschatka era um dos meus navios favoritos. Eu disse era, porque ele decididamente não o é mais. Não consigo conceber qualquer razão capaz de me seduzir a fazer uma outra viagem nele. Sim, eu sei o que vocês vão dizer. É um navio excepcionalmente limpo nas acomodações de popa, tem a proa alta o bastante para manter-se seco, e os leitos inferiores são em

sua maioria duplos. A embarcação possui muitas vantagens, mas não atravessarei mais o oceano com ela. Desculpem-me a digressão. Subi a bordo. Chamei o comissário de serviço, cujo nariz vermelho e costeletas ainda mais vermelhas eram igualmente familiares para mim.

"— 105, leito inferior — disse eu, naquele tom indiferente peculiar aos homens para os quais uma travessia do Atlântico ou um uísque no Delmonico's, no centro da cidade, são a mesma coisa.

"O comissário apanhou minha mala, o sobretudo e a manta de viagem. Nunca me esquecerei da expressão em seu rosto. Não que tenha ficado pálido. Sustentam os mais eminentes sacerdotes que nem os milagres são capazes de alterar o curso da natureza. Não hesito em dizer que ele não empalideceu; mas, pela sua expressão, julguei que estivesse a ponto de se debulhar em lágrimas, espirrar ou deixar minha mala cair no chão. Como esta continha

duas garrafas de um velho e excelente xerez dadas a mim pelo meu grande amigo Snigginson van Pickyns, fiquei extremamente nervoso. Mas o comissário não fez nada disso.

"— Bem eu vou... — disse ele em voz baixa, indicando o caminho.

"Achei que meu Hermes, à medida que me conduzia a regiões inferiores do barco, tivesse bebido um trago, mas não falei nada e segui seus passos. O 105 ficava a bombordo, próximo à popa. Não havia nada de extraordinário no camarote. O leito inferior, como a maioria deles no Kamtschatka, era de casal. Havia muito espaço; havia um lavatório comum, concebido para transmitir uma idéia de luxo à mente de um índio norte-americano; havia os habituais e ineficientes bagageiros em madeira marrom, dentro dos quais é mais fácil manipular um grande guarda-chuva do que uma escova de dentes comum.

Sobre o colchão repulsivo estavam cuidadosamente dobrados aqueles cobertores, que um grande humorista moderno apropriadamente comparou a frias panquecas de trigo. A questão das toalhas havia sido deixada inteiramente à imaginação. Os decantadores de vidro estavam cheios de um líquido transparente levemente tingido de marrom, mas do interior deles um odor menos fraco, porém não mais agradável, ascendia às narinas, como uma reminiscência distante e enjoativa de máquinas lubrificadas. Cortinas de cores tristes escondiam parcialmente o leito superior. A luz vaporosa de um dia de junho lançava uma vaga claridade sobre aquele pequeno cenário desolado.

Argh! Como detestei aquele camarote!

"O comissário largou meus pertences e olhou para mim, como se quisesse ir embora — provavelmente em busca de outros passageiros e outras gratificações. É sempre uma boa estratégia começar bem a relação com esses funcionários e, de forma correspondente, dei-lhe algumas moedas.

"— Vou tentar deixá-lo tão confortável quanto for possível — observou ele, enfiando as moedas no bolso. Entretanto, havia uma entonação dúbia em sua voz que me surpreendeu. Possivelmente, sua tabela de gratificação havia aumentado e ele não ficara satisfeito; mas de um modo geral eu estava inclinado a pensar que, como o próprio teria se exprimido, ele era 'bom de copo'. Eu estava errado, porém, e fui injusto com ele."

II

"Nada especialmente digno de menção ocorreu durante aquele dia. Deixamos o cais pontualmente e foi muito agradável iniciar a viagem, pois o tempo estava quente e abafado, e o movimento do navio produziu uma brisa refrescante. Todos sabem como é o primeiro dia no mar. As pessoas andam pelo convés, se observam umas as outras e, ocasionalmente, encontram conhecidos que não sabiam que estivessem também a bordo. Existe aquela incerteza habitual sobre se a comida é boa, ruim ou indiferente, até que as duas primeiras refeições dissipem as dúvidas; existe a incerteza habitual em relação às condições meteorológicas, até que o navio tenha passado pela Ilha do Fogo. No começo, as mesas ficam apinhadas e então, repentinamente, esvaziam. Passageiros pálidos se levantam de suas cadeiras e se precipitam na direção da porta, e os velhos marujos respiram mais livremente quando o vizinho enjoado se afasta correndo, deixando bastante espaço para os cotovelos e o controle irrestrito do pote de mostarda.

"Uma travessia do Atlântico se parece muito com as outras, e nós que viajamos com freqüência não o fazemos mais pela novidade. Baleias e icebergs são de fato sempre motivo de interesse, mas, afinal de contas, uma baleia é igualzinha à outra, e raramente vemos um iceberg de perto. Para a maioria de nós, o momento mais prazeroso do dia, a bordo de um navio a

vapor, é quando acabamos de dar nossa última volta no convés, fumar o último charuto e, tendo conseguido acumular um pouco de cansaço, sentimonos livres para ir para cama com a consciência tranqüila. Naquela primeira noite de viagem, eu me sentia particularmente preguiçoso, e fui me deitar no camarote 105 bem mais cedo do que de costume. Quando entrei, surpreendeu-me constatar que eu tinha um companheiro de cabine. Uma mala muito semelhante a minha encontrava-se no canto oposto e, no leito superior, havia sido colocada uma manta impecavelmente dobrada, com uma bengala e um guarda-chuva. Eu esperava ficar sozinho e aquilo me decepcionou; mas me perguntei quem seria a pessoa com quem dividiria o camarote e decidi aguardar para ver de quem se tratava.

"Fazia pouco tempo que eu estava deitado quando ele entrou. Tratava-se, até onde pude discernir, de um homem muito alto, muito magro e muito pálido, com cabelos e costeletas ruivas e olhos cinza, inexpressivos. Envolviao, pareceu-me, um ar bastante suspeito; o tipo de homem que podemos ver em Wall Street, sem sermos capazes de dizer precisamente o que está fazendo ali — o tipo de pessoa que frequenta o Café Anglais, que sempre parece estar só e que bebe champanhe; podemos encontrá-lo num hipódromo, mas ele não parece tampouco estar fazendo alguma coisa ali. Vestia-se de um modo exagerado — um pouco excêntrico. Existem sempre três ou quatro dessa espécie em todo navio que cruza o oceano. Concluí que não fazia questão de conhecê-lo, e adormeci dizendo a mim mesmo que estudaria seus hábitos de modo a evitá-lo. Se ele se levantasse cedo, eu me levantaria tarde; se ele fosse para cama tarde, eu iria mais cedo. Não estava disposto a travar conhecimento com ele. Uma vez que somos apresentados a essas pessoas elas não nos largam mais. Pobre sujeito! Eu não precisava ter-me dado tanto trabalho para

chegar àquelas conclusões sobre ele, pois nunca mais voltei a vê-lo após aquela primeira noite no 105.

"Eu dormia profundamente quando fui despertado, de forma brusca, por um barulho alarmante. A julgar pelo som, meu companheiro de camarote devia ter saltado de seu leito superior para o chão. Ouvei-o tateando o trinco da porta, que se abriu quase no mesmo instante, e então ouvi suas passadas à medida que ele corria a toda velocidade pelo corredor, deixando a porta aberta atrás de si. O navio estava balançando um pouco e esperei ouvi-lo tropeçar e cair, mas ele correu como se disso dependesse a própria vida. A porta oscilava sobre suas dobradiças com o movimento da embarcação, e o ruído me incomodava. Levantei e fechei-a, depois voltei às cegas para meu leito. Dormi novamente; mas não tenho idéia de quanto tempo.

"Quando acordei ainda estava bastante escuro, mas fazia um frio desconfortável e me pareceu que o ar ficara úmido. Vocês sabem, aquele odor peculiar de uma cabine que foi encharcada com água do mar. Cobri-me o melhor que pude e cochilei outra vez, imaginando as reclamações que faria no dia seguinte e escolhendo os epítetos mais poderosos do idioma. Pude ouvir meu companheiro de camarote se virar no leito superior. Provavelmente, tinha retornado enquanto eu dormia. Num dado momento, pensei tê-lo ouvido gemer e me perguntei se estaria mareado. Esta é uma situação particularmente incômoda, quando se está logo abaixo desta pessoa. De qualquer modo, acabei dormindo até o raiar do dia.

"O navio jogava muito, bem mais do que na noite precedente, e a luz cinzenta que atravessava a escotilha mudava de tonalidade a cada movimento, segundo o ângulo que o bordo da embarcação impunha ao vidro, voltando-se para o céu ou o mar. Estava muito frio — inexplicavelmente para o mês de

junho. Virei-me e olhei para a escotilha que, para minha surpresa, estava toda aberta e presa para trás. Acho que blasfemei em voz alta. Então me levantei e a fechei. Quando me virei, observei o leito superior. As cortinas haviam sido fechadas; meu companheiro provavelmente sentira frio também. Surpreende-me o fato de eu ter conseguido dormir tanto. O camarote era desconfortável, embora, estranho dizer, eu não pudesse sentir o cheiro da umidade que tinha me incomodado na véspera. Meu companheiro ainda dormia — excelente oportunidade para evitá-lo, assim, me vesti e fui para o convés. O dia estava tépido e nublado e as águas exalavam um odor oleaginoso. Eram sete horas quando saí — muito mais tarde do que imaginara. Cruzei com o médico que dava sua primeira volta matinal para respirar o ar fresco. Era um jovem do oeste da Irlanda — um camarada formidável, com seus cabelos negros e olhos azuis, já propenso a tornar-se um homem robusto; ele tinha uma expressão despreocupada e saudável que era muito cativante.

"— Linda manhã — comentei, à guisa de introdução.

"— Bem... — disse ele, olhando-me com um interesse imediato — é uma linda manhã e não é uma linda manhã. Não acho que seja uma manhã especial.

"— Não, não está tão linda assim — disse eu.

"— É exatamente o que eu chamo de um clima abafado — retrucou o médico.

"— Fez muito frio nesta noite — observei. — No entanto, quando olhei a minha volta, descobri que a escotilha estava totalmente aberta. Não tinha notado isso quando fui me deitar. E o camarote estava úmido também.

"— Úmido! — exclamou ele. — Qual é o seu camarote?

"— O 105.

"Para minha surpresa o médico teve um sobressalto e olhou-me fixamente.

"— Qual é o problema? — perguntei.

"— Oh... nada — respondeu. — Apenas todos têm se queixado desse camarote nas últimas três viagens.

"— Também tenho reclamações — disse eu. — Certamente ele não foi adequadamente arejado. É uma vergonha!

"— Não acho que possamos fazer alguma coisa — opinou o médico. — Acredito que haja algo... mas não convém assustar os passageiros.

"— Você não está me assustando — repliquei. — Consigo suportar qualquer grau de umidade. Se por acaso me resfriar irei vê-lo.

"Ofereci um charuto ao médico, que ele aceitou e examinou com um olhar crítico.

"— Não é tanto a umidade — observou ele. — De qualquer maneira, acredito que tudo se passará bem. Há mais alguém no camarote?

"— Sim, um camarada endiabrado que sai correndo no meio da noite e deixa a porta aberta.

"Mais uma vez, o médico olhou-me com curiosidade. Em seguida, acendeu o charuto e assumiu um ar grave.

"— Ele voltou depois? — perguntou prontamente.

"— Voltou. Eu estava dormindo, mas acordei, e o ouvi se mexendo. Então senti frio e voltei a dormir. Hoje de manhã encontrei a escotilha aberta.

"— Preste atenção — disse o médico calmamente. — Eu não me importo muito com este navio. Não dou a mínima para a sua reputação. Direi o que devo dizer. Disponho de um camarote espaçoso aqui em cima. Posso dividi-lo com você, embora nunca o tenha visto antes.

"Aquele proposta me surpreendeu bastante. Não entendi por que ele se

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

